

JUN'ICHIRO
TANIZAKI



A GATA, UM HOMEM
E DUAS MULHERES
seguido de
O CORTADOR DE JUNCOS

Resumo de A Gata, Um Homem e Duas Mulheres e o Cortador de Juncos

Relações de dominação e submissão sempre alimentaram a literatura de Jun'ichiro Tanizaki. Se no clássico Diário de um velho louco ele se debruçou sobre a forma como um homem senil é facilmente manipulado pela jovem nora de belas curvas, por quem nutre uma irreprimível obsessão sexual, neste A gata, um homem e duas mulheres o escriba japonês eleva à quinta potência o nível de complexidade nos relacionamentos afetivos entre seus personagens.

Narrativa breve publicada originalmente em 1936, a novela põe a gata Lily no centro da trama protagonizada pelo casal Shozo e a esposa Fukuko, e ainda pela ex-mulher do primeiro, Shinako.

Shozo adora mimar a gata de todas as formas possíveis, o que deixa Fukuko enciumada — fato que já havia se dado também com a ex-esposa. Ciente da possibilidade de que isso volte a se repetir no novo relacionamento do ex-marido, Shinako planta a discórdia ao sugerir à rival Fukuko que se livre da bichana.

É a gata Lily, portanto, que, à primeira vista, se insinua como ponto de desequilíbrio na normalidade dos personagens; no entanto, Tanizaki parece recorrer à gata como metáfora para a falência dos relacionamentos humanos.

A intimidade que Shozo dispensa à Lily, como lhe dar de comer diretamente na boca, está longe de se repetir com a mulher. A própria troca de Shinako por Fukuko guarda uma série de interesses que evidenciam Shozo como uma figura patética e manipulável.

A segunda novela que compõe a presente edição, O cortador de juncos — publicada originalmente em 1932 —, propõe uma espécie de homenagem ao teatro não estruturar uma “história dentro da história”.

Caminhando pelas cercanias do rio Yodo, em Okamoto, um homem topa

por acaso com um desconhecido, com quem conversa sobre amenidades e reminiscências. O primeiro conta ao interlocutor a história de seu pai, um homem que, na juventude, viu-se dividido entre duas irmãs, Oyu e Oshizu.

Apaixonado pela primeira, uma jovem viúva de Kobe que vive tal qual uma dama da corte imperial, ele teve de se resignar a um matrimônio de fachada com a segunda, a caçula — esta consciente do amor platônico dele por sua irmã mais velha.

Em *O cortador de juncos*, alusões diretas e indiretas a *Genji monogatari* [O romance do Genji], que costuma ser apontado como o primeiro romance do mundo (escrito no século XI por Murasaki Shikibu), representam o esforço de Tanizaki em espelhar a estética da era de ouro da literatura clássica nipônica.

Daí a opção por trechos longos, com pouca pontuação, como forma de reproduzir aquele peculiar estilo narrativo. Tais elementos, no entanto, não atenuam o virtuosismo da trama em si, que impacta o leitor ao combinar esse pano de fundo histórico com uma surpreendente e complexa história de amor...

ou seria “de amores”? Ambas as novelas, *A gata, um homem e duas mulheres* e *O cortador de juncos*, sintetizam com precisão algumas das temáticas que alçaram Jun’ichiro Tanizaki ao rol dos grandes da cena literária japonesa: em comum, personagens submissos, relações amorosas triangulares e casamentos de conveniência.

[Acesse aqui a versão completa deste livro](#)